

AS MÍDIAS DIGITAIS COMO DISPOSITIVO DE SAÍDA DO ARMÁRIO DE HOMENS GAYS: “Uma revisão de literatura”

André Alisson Grigorio da Silva
Graduando do curso de Bacharelado em Psicologia da FACISST/AESET
andregri@outlook.com

José Gomes de Oliveira Neto
Mestre em Psicologia pela UFPE, professor orientador do curso de Psicologia da
FACISST/AESET
gomes.oliveira@ufpe.br

Simpósio Temático nº XX “MENINOS VESTEM AZUL”. A PERMANÊNCIA DA
IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA(S) MASCULINIDADE(S) PARA AS
CIÊNCIAS SOCIAIS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral compreender as mídias digitais como dispositivo de saída do armário de homens gay. As discussões teóricas partem das inspirações a partir das contribuições de autores como Richard Miskolci, Eve Sedgwick, entre outros que pensam sobre as questões do gênero e sexualidade no meio digital. Nesse sentido, discorreremos sobre pontos como as normas de gênero que padronizam/regulam o campo das masculinidades, a construção das identidades gay a partir da saída do armário e por fim as reflexões sobre as sociabilidades desse público a partir dos espaços oferecidos nas mídias digitais, como aplicativos de relacionamento, blogs e chats de jogos. O caminho metodológico que escolhemos foi o de revisão de literatura sistemática, dando relevância para trabalhos no período de 2012 a 2021, em publicações como artigos científicos e dissertação, em idioma português. Os nossos resultados além de propor uma atualização das discussões no campo das masculinidades não-hétero, compreende que as mídias digitais ocupam um grande espaço dentro da rotina e nas relações construídas na sociedade. Nesse ponto, percebemos que o uso das mídias possibilita a construção de novos laços sociais, mas também é um espaço de afirmação de discursos que ferem a existência de pessoas fora do padrão heteronormativo e que fogem da ideologia patriarcal como condição para se relacionar com o outro.

Palavras-chave: masculinidades. armário gay. mídias digitais.

ABSTRAT

This article aims to understand digital media as an exit device for gay men. The theoretical discussions depart from inspirations from the contributions of authors such

as Richard Miskolci, Eve Sedgwick, among others who think about the issues of gender and sexuality in the digital environment. In this sense, we discuss points such as the gender norms that standardize/regulate the field of masculinities, the construction of gay identities from coming out of the closet and, finally, reflections on the sociability of this audience from the spaces offered in digital media, such as dating apps, blogs and game chats. The methodological path we chose was systematic literature review, giving relevance to works from 2012 to 2021, in publications such as scientific articles and dissertations, in Portuguese. Our results, in addition to proposing an update of the discussions in the field of non-straight masculinities, understand that digital media occupy a large space within the routine and in the relationships built in society. At this point, we realize that the use of media enables the construction of new social ties, but it is also a space for affirming discourses that hurt the existence of people outside the heteronormative pattern and that flee from patriarchal ideology as a condition to relate to the other.

Keywords: Masculinities. Gay closet. Digital media.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo geral: compreender as mídias digitais como dispositivo de saída do armário do homem gay. Desse modo, propomos pensar os homens que se relacionam sexual/afetivo com outros homens, bem como descerramos indagações em torno das mídias digitais e sua influência no processo de saída do armário, vendo que há um público extenso de pessoas que se utilizam desses mecanismos de comunicação digital. Para esse fim, foram pensadas as mídias digitais como uma rede de conversação que abrange pessoas de várias regiões, proporcionando diálogos com pessoas de distintos contextos sociais e culturais.

Consideramos que recorrer a meios aparentemente discretos de comunicação para falar sobre si próprio é uma estratégia bastante utilizada para lidar com o medo e insegurança de assumir uma identidade não-hétero. Nesses espaços os sujeitos fogem do que a sociedade entende como bons costumes, assim como das questões morais e culturais postuladas pela sociedade.

Durante as seções seguintes trouxemos uma discussão teórica que busca articular a compreensão da construção identitária sexual, acompanhada pelas mídias digitais e os sentidos sobre masculinidades. A vista disso, entendemos as mídias digitais como um importante mecanismo de interação a distância que participa ativamente nos novos modos de relações. Tal resignificação pode ser compreendida como ampliar o campo

dos desejos e das expressões para além das normas de gênero, mostrando sua identidade de acordo com esse processo de autoconhecimento.

Partindo do objetivo geral supracitado, temos como objetivos secundários: Perspectivar as normas de gênero que regulam as masculinidades de homens gays; Compreender o processo de construção identitária de masculinidades gays a partir da saída do armário; Refletir sobre a sociabilidade de homens gays a partir dos espaços das mídias digitais.

Para dar conta desta proposta, optamos por seguir caminhos metodológicos de revisão de literatura, que resultou em um processo de levantamento e análise de saberes que facilitaram a compreensão e aproximação com o tema. Em outras palavras, esse desenho metodológico tem como proposta visibilizar caminhos com bases teóricas e epistemológicas que conduzem a discussão ao foco dos nossos objetivos, nos permitindo assim a conhecer o que tem de estudos sobre a temática.

Os termos utilizados nos campos de buscas das plataformas escolhidas foram pensados a partir dos objetivos específicos da pesquisa. São eles: “gay”, “armário” e “mídias digitais”. As bases de busca selecionadas foram: Scielo, Capes e Pepsic. Utilizamos como critérios de inclusão, trabalhos que estejam no campo da sexualidade com discussão voltada para a comunidade gay nas mídias digitais, publicadas no idioma português. Para nortear essa discussão foram usados como recorte temporal materiais que estivessem entre os anos de 2012 até 2021. Os anos selecionados foram pensados a partir da importância de trazer material atual sobre o uso das mídias digitais pelos homens gays e pensar como esse mecanismo pode auxiliar no processo que Eve Sedgwick chama de “armário”.

Quanto aos critérios de exclusão foram descartados materiais que não entraram nas discussões sobre comunidade gay e que fugiam do objeto de pesquisa que é saída do armário através das mídias digitais. Assim como, trabalhos que não estejam no recorte temporal e no idioma citado anteriormente. Por fim, foram selecionados para os resultados oito artigos e uma dissertação.

Para embasar nossa proposta, partimos da compreensão sobre sexualidade a partir das discussões de Michel Foucault (1988), que assinala para as produções discursivas construídas na sociedade que constroem verdades sobre a sexualidade, pautadas em leis que determinam como ela deve ser entendida e expressa. Desse modo, o que foge dos caminhos morais é taxado como algo não aceitável, negado e reduzido ao silêncio.

Assim se constroem processos de repressão com relação às expressividades e posicionamentos dentro do contexto social, sobrelevando as normas e modelos.

Com relação à construção da identidade de gênero nos homens, Joan Scott (2009) entende que o processo de incorporação da masculinidade acontece desde a infância, havendo uma repressão das questões ligadas a comportamentos identificados ao feminino. Em seus estudos indaga colocações sobre reconhecer homem e mulher como categorias vazias e transbordantes, vazia pelo fato de não ter significado definido e transbordante com relação ao número de possibilidades alternativas que o gênero pode expressar. Com relação ao homem, aponta para a reflexão em torno das definições alternativas da diversidade de expressões negadas ou reprimidas por não se encaixarem no padrão heteronormativo.

Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008) compreendem que não existe uma única masculinidade, pois ela é construída a partir das relações no meio social. Desse modo, os autores apontam para a necessidade de (re)significa-la, desconstruindo alguns conceitos machistas sobre como precisa se comportar diante de uma sociedade padronizada, que segue princípios norteadores para as identidades sexuais e de gênero. Tais discussões partem dos debates políticos e científicos das epistemologias e teorias feministas que defendem a diversidade das identidades. Para tanto, a compreensão é de que: ao estudar esse tema é preciso relativizar os preconceitos e estereótipos que promulgam o modelo hegemônico, para assim compreender as novas versões e sentidos das masculinidades.

A partir do padrão postulado pela sociedade, há uma prisão das masculinidades, determinada por parâmetros morais, sociais e religiosos que doutrina os corpos sexuados, a partir de noções como valores morais e visão de poder, violência e desigualdade material (CONNELL, 1995). Sendo assim, impõe-se um modelo de homem que deve ser seguido, pois seria preciso que essa expressão seja facilmente identificada a partir das características pré-moldadas pela cultura ocidental. Quando essas normativas não são seguidas, esses homens são rotulados como desviantes (BARBOSA; SILVA, 2016).

Medeiros (2018) salienta que os discursos de ódio para os que não se encaixam nesses padrões morais, são vistos com bastante frequência no século atual. A partir disso entendemos a importância de visibilizar homens não-hétero e fora desses padrões

normativos para perspectivar a pluralidade de masculinidades que existem e as diversificadas formas de expressar o gênero, para além do padrão hegemônico.

Judith Butler (1993) assinala que o gênero é visto através das performatizações da corporalidade, ou seja, expressões próprias do sujeito que mostram comportamentos que chamam atenção nas questões relacionadas às identidades sexuais. Assim, fogem do que para a sociedade seria o estado natural, gerando, com isso, um impasse entre o que a sociedade espera desse sujeito e como ele se reconhece no meio social.

Nos espaços de sociabilidade há uma preocupação relacionada às expressões das identidades desviantes. Nesse sentido, os homens afeminados, por exemplo, são vistos por um *status* negativo, sendo marginalizados dos grupos sociais, mas principalmente daqueles que se entendem discretos a partir do parâmetro heterossexual (MISKOLCI, 2013). Isso gera nos ambientes um distanciamento, lugares que eram para ser entretenimento, surgem como obstáculo para os homens gay (REIS, 2012).

A partir de Eve Sedgwick (2007), vemos que a domesticação das performatividades e identidades desse público são vistas como mecanismo para a sociedade manter essa matriz heterossexual e servir como uma negativa do normal do sujeito. Punir homens que não seguem os trilhos da naturalidade, faz com que esses sujeitos busquem por proteção de sua expressão sexual, optando por um meio que aprisione sua orientação sexual e seus desejos. Entendemos esse processo como viver em armários (SEDGWICK, 2007).

Ainda de acordo com o autor, o armário é composto por normas que desde os fins do século XIX vem criando um regime de controle da sexualidade, assim tornando os espaços voltados apenas a uma cultura heterossexista relegando as relações entre pessoas do mesmo gênero de forma excludente. Com isso, esse controle da sexualidade é uma forma de garantir que a heterossexualidade esteja visível, invisibilizando a homossexualidade e fazendo uma divisão social entre ambas. A decisão de sair do armário não depende apenas de coragem ou capacidade, mas existem contextos culturais e históricos que perseguem essas pessoas que não estão dentro do normativo da sociedade (MISKOLCI, 2009).

De acordo com Berenice Bento (2017) a internet se tornou um meio onde o homem poderia experimentar seus desejos homoeróticos sem assumir uma identidade gay por medo de romper a constituição da família heterossexual, em um mundo de segredos, autocontroles, medos e frustrações. Os dispositivos tecnológicos aparentam se constituir

como mecanismos que ao mesmo tempo em que disponibilizam possíveis caminhos para se viver desejos marginalizados no contexto social, também seguem normativas de gênero e sexualidade.

DESENVOLVIMENTO

Esta seção se propõe a discutir os resultados encontrados a partir do caminho metodológico descrito acima para nos permitir compreender como as mídias digitais podem ser usadas como dispositivo do homem gay na saída do armário na contemporaneidade. Richard Miskolci (2017) compreende essas mídias como um meio de transformações tecnológicas e sociais, assim pensando na possibilidade que esse meio tecnológico dá para expressar-se. Minimizando medos, repreensão moral e riscos de ser julgado pela sociedade de forma negativa pelo fato de ser gay e não seguir o padrão hegemônico.

Sobre o “armário” é importante retomar a compreensão de Eve Sedgwick (2007) como algo que traz para o sujeito um desconhecimento poderoso, seguindo um processo que não depende apenas do homem gay, mas de todo um contexto social tangenciado por culturas que tentam moldá-lo a padrões hegemônicos de masculinidade. Compreendendo que o armário é uma forma de aprisionamento da sexualidade que interfere no estilo de vida desse público. Assim, se faz importante pensar essas mídias digitais atuais como forma de criar relações em um processo de autoconhecimento. Diante do exposto e buscando contemplar nosso escopo central, nos limites das páginas que se segue, construímos subtópicos a partir dos nossos objetivos específicos.

Normas de gênero que regulam as masculinidades de homens gays

Diante do campo das relações digitais, os homens gays diferem de suas expressões da sexualidade, trazendo comportamentos que regulam sua masculinidade a um desejo homoerótico. Tal desejo coloca a imagem desses sujeitos a algo ligado a pornificação do corpo masculino, pois é procurado satisfazer o desejo dos outros usuários, de forma a sentir-se aceitável dentro daquela sala de bate papo (MORELLI; PEREIRA, 2018). Diante disso, podemos compreender a existência de um padrão que circula dentro do meio gay, da procura por corpos desejados nas fotos divulgadas em mídias de

conversação. A partir desse modelo, são formatadas e reguladas as expressões da masculinidade.

Pode-se dizer que, atualmente, os corpos vistos nas interações sexuais/afetivas entre homens, estão relacionados a questões históricas que trazem um valor atribuído a masculinidade heterossexual (MORELLI; PEREIRA, 2018). Enfatiza-se que no público gay há padrões que inferiorizam as autorrepresentações das masculinidades e as prendem a uma expressão de gênero arraigada à construção do ser homem, partindo de estereótipos criados no contexto cultural.

No dizer de Ramon Reis (2012), as masculinidades se tornam desafiantes quando o homem gay sente medo em expressar sua identidade, sobretudo àqueles lidos como afeminados são mais julgados, enquanto aqueles que mais se aproximam do modelo padrão são aceitos. Por conseguinte, gera, assim, um sentimento de marginalização em determinados contextos, como também entre o próprio grupo de homens homo-orientados. Tal pensamento surge a partir das normas de gênero que norteiam a forma como os sujeitos devem se colocar diante da sociedade, tratando alguns comportamentos como mais aceitáveis e outros não.

Na discussão de Ramon Reis (2012) coloca-se a questão do gay afeminado e o discreto pelo fato destas serem expressões de sexualidade mais vistas e criticadas atualmente. O afeminado é visto como fora do padrão por ter comportamentos que, segundo a sociedade e as questões morais, são características associadas ao gênero feminino. Com isso, reafirmando normas que padronizam a expressão de gênero masculino, não permitindo sair desse padrão aceitável/discreto para não romper com a suposta virilidade masculina.

Pensando a expressividade da sexualidade, o uso de mídias digitais possibilita um espaço para produções de si, a partir das verdades criadas sobre o que é ser homem. As mídias possibilitam que se expressem as diversas formas e maneiras como os sujeitos se entendem em relação aos desejos e resignificando as práticas normativas (CARDOSO; PAZ; ROCHA; PIZZINATO, 2019). Tais práticas normativas são desconstruídas para que assim haja uma resignificação da pluralidade existente de expressões que o homem gay pode mostrar em sua existência.

Richard Miskolci (2013) assinala a importância de se pensar as normas de convenção cultural que regulam os gêneros e sexualidades, restringindo as relações afetivas dos homens gays. Tais expressões das masculinidades são abaladas por padrões da

masculinidade heterossexual, o qual segue um confronto em detrimento do que se postula sobre o homem hegemônico.

Inspirados por Richard Miskolci, podemos refletir sobre os impactos causados no homem gay quando é colocada em questão sua identidade masculina. Essa questão acaba se refletindo dentro do grupo gay, indicando como esses sujeitos devem se comportar ou não, tornando o processo de autoconhecimento algo conflituoso pelo medo de rejeição social e afetiva.

Ao pensar tais expressões da sexualidade e o vasto campo de dispositivos que as mídias digitais oferecem, podemos trazer como exemplo os *games online* que incluem *chats* para diálogos. Tal campo de entretenimento pode contribuir para um espaço de possíveis experiências de desejos e práticas, que leva o sujeito a ter uma experimentação de si nas plataformas digitais (LEITÃO; GOMES, 2018). Com isso, pode-se imaginar uma experiência onde o sujeito é livre (na construção do perfil do *game*) para expressar sua masculinidade sem seguir uma norma padrão de gênero, possibilitando que se reinventem e construam novas formas de apresentação de si. Entendemos que essa liberdade talvez não seja tão possível quando se muda o objetivo da mídia digital, como, por exemplo, as que propõem explicitamente a busca de parceiros para encontros afetivo-sexuais.

A saída do armário e a identidade gay

A construção identitária do homem gay é produzida a partir da projeção de características do perfil (hétero)sexual. Assim, é apresentado ao sujeito apenas a possibilidade hétero, ditando que ao nascer homem seu desejo deverá ser por mulher e consequentemente seus comportamentos também seguirão o padrão macho (SOUZA, 2015). A partir dessa colocação podemos compreender que a masculinidade é construída socialmente, mas inicialmente não inclui uma manifestação livre e subjetiva que seja discutida junto a essas pessoas, que busque compreender os seus interesses e expressões desde pequeno até o momento que ele possa refletir sobre quais caminhos e orientação sexual seguir. Em decorrência disso as possíveis fissuras à se modelo, se constroem de forma sofridas aos sujeitos, dada a força que as normas e modelos de gênero têm em nossas vidas.

Se identificar como afeminado ou não vai muito além do que é falado pelo sujeito, é um discurso que vai causar afetações a partir do lugar a qual ele está se reconhecendo no meio. Ramon Reis (2012) contribui que os comportamentos gestuais e discursivos desse público não podem ficar fechados a um padrão único de masculinidade, onde o gênero define seus posicionamentos e afetam suas relações sociais e afetivo/sexual.

Partindo da construção da identidade do homem gay, nas mídias digitais para encontros afetivo-sexuais surgem dentro desse público os que se apresentam como “*brothers*” e “macho”, produzindo sua masculinidade a partir de características como voz grave, gírias/comportamentos do meio hétero e roupas mais padronizadas dentro do meio social. Mas, sobretudo, o desprezo aos homens que são afeminados ou assumidos, trazendo valores de discriminação que ferem e rompem com as relações homoafetivas (MISKOLCI, 2013). Partindo do pressuposto de Richard Miskolci, podemos compreender que há um discurso julgador diante da forma que são expressas as masculinidades. Homens discretos diminuem aqueles que não seguem tal padrão e causa no sujeito um desconforto diante de sua representação no meio social.

Em perfis de aplicativos dispostos no meio digital, a construção e apresentação é uma importante fonte para observar essas questões. Há um contínuo processo de aprimoramento que segue uma linha de chegar perto da imagem desejada dentro daquele ambiente digital. Porém, alguns sujeitos transgridem esses padrões e, nesses lugares, tentam produzir novas formas de expressões e relações, não seguindo os pressupostos heteronormativos (CARDOSO; PAZ; ROCHA; PIZZINATO, 2019). Pode-se compreender que ao violar esses padrões, os sujeitos se submetem a situações que podem ser vistas como atrativas, mas também podem ser interpretadas como equivocadas ou julgadas por não ser o que aquele usuário queria ou esperava encontrar naquele espaço digital. Esse ambiente é propício a julgamentos e bloqueios quando aquele perfil não é o desejável pela pessoa que interagiu.

Outras fontes de rede social que as mídias trazem é o *blog*, lugar onde as pessoas podem expressar-se através de textos, tutoriais, entretenimento e outras formas de trazer conteúdo. É visto um posicionamento interacional dentro desse meio, pois possibilita que de forma anônima ou não os homens gays, que se sentem inseguros ou com sentimento de não pertencimento, relatem suas histórias e deem visibilidade para que outras pessoas dialoguem também sobre suas experiências e sentimentos (PEREIRA, 2016). Podemos entender que alguns deles não compreendem sua identidade pelo fato de não ter informações sobre como funciona esse processo de construção, é aí onde entram essas plataformas, para informar, dialogar e dar espaço de fala para as pessoas trocarem vivências e formas de pensar sobre identidades, masculinidades ou temas que não tenham conhecimento sobre.

Partindo disso entendemos que assumir a sexualidade gay ainda é bastante conflituoso, em um contexto marcado por questões homofóbicas e machistas, dado a possibilidade de impacto nos campos sociais do sujeito, seja ele afetivo/sexual, social, familiar ou no trabalho. Eve Sedgwick (2007) traz esse processo de construção da identidade a partir da saída do armário como uma característica fundamental da vida social, onde irão envolver questões morais e políticas, decisivas para a constituição da identidade desses homens. Essas questões impactam na autocompreensão da sexualidade, é notório que o desejo homo tende a ser invisibilizado pelo medo de enfraquecimento dos laços estabelecidos em sociedade, constituindo um processo de vulnerabilidade emocional e afetiva (FERREIRA; INOUE; MISKOLCI, 2020).

A sociabilidade de homens gays a partir dos espaços das mídias digitais

Richard Miskolci (2013) caracteriza que a *web* abriu caminhos para uma rede de relações que servem como campo de sociabilidade para homens gays que são marcados por uma origem social conservadora, assim encontrando na internet uma forma de criar vínculos sociais e afetivos sem uma exposição em espaços públicos. De acordo com Luiz Zago (2013), nesse sentido, as mídias digitais se inserem como campo de troca de experiências e desejos. Alguns *apps* utilizam de fotos de rosto para identificação, mas essa exposição dependerá da relação que esse sujeito tem com o armário e as formas como as pessoas se expressam e se relacionam dentro do campo digital para conhecer outras pessoas.

Como também, as mídias digitais oferecem a possibilidade de buscar relações com pessoas de diferentes lugares, servindo de suporte social para aqueles que romperam relações com a família ou grupos sociais após a revelação da sua orientação sexual. Se tornando, assim, um importante local para construção de redes de apoio. É pensado por alguns homens gays, possíveis caminhos para suprirem o sofrimento desse não pertencimento em determinados lugares e ambientes sociais. A saída do armário e descobertas de lugares voltados à comunidade LGBTQIA+ são vistos como anteparos identitários (BAÉRE; ZANELLO, 2020). Assim podemos compreender que são espaços onde é possível construir uma rede de contato com pessoas que vivem sua sexualidade e demonstram sem medo suas expressões e comportamentos, julgadas como fora do padrão.

Por outro lado, quando olhamos para as redes de relação afetiva/sexual, os padrões modeladores de gênero e sexualidade se sobressaem de forma bem excludente (FERREIRA; INOUE; MISKOLCI, 2020). Essas questões são bem evidentes quando

perspectivamos o modelo de beleza e desejo que se cria a partir das características do corpo e dos sentidos atribuídos àquele sujeito (discreto, paizão, maduro, fora do meio). Compreende-se a partir de Richard Miskolci (2013), que a internet acenou como um campo de possibilidades para os homens que não querem expor sua sexualidade tenham a possibilidade de entrar no meio gay através de *chats*, oportunizando conhecimento e troca de vivência que auxiliam no processo de autoconhecimento do homem gay. Constata-se que as mídias auxiliam o sujeito no seu processo de conhecimento, mas também exige alguns cuidados ao uso da identidade gay. Pelo fato de ser um campo que não se desprende das construções sociais e culturais (ao contrário), os preconceitos também são presentificados, expressos através de discurso de ódio, julgamento de valor e homofobia pelos seus usuários. Além disso, há recorrência em comentários maldosos, contas *fakes*/anônimas para menosprezar e expor opiniões preconceituosas como forma de preservar uma cultura patriarcal-machista-misógina-lgbtfóbica.

Richard Miskolci (2013) assinala que aquelas pessoas que foram criadas em um ambiente que a cultura reconhece apenas a masculinidade hegemônica, veem na internet a possibilidade de um local de socialização que surge como promessa tecnológica a qual permite que os homens vivenciem seus desejos de forma sigilosa. Portanto, chegamos a compreensão que, no meio digital, é possível olhar para pessoas que partilham de interesses em comum e tenham passado pelo processo de saída do armário, isso podendo ser um auxiliador para aqueles que ainda se encontram nesse processo. Porém, as mídias fazem parte de um contexto social que envolve questões culturais pelo fato de ter um alcance que engloba uma grande gama de usuários, com isso encontram-se também fortes expressões discriminatórias que trazem um modelo ideal que padroniza e marginaliza outras formas de ser homem.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos o quanto normas e padrões de gênero/sexualidade causam conflitos para os sujeitos e faz com que seu processo de saída do armário seja abalado por dogmas religiosos, políticos e sociais. Passar por esse momento remete interferências em todos os campos sociais do sujeito, sejam nas relações com a família, como em grupos de amigos ou ambiente de trabalho. A internet é uma rede que propicia construção de relações, mas também é um ambiente de legitimação das verdades socialmente construídas sobre o sistema sexo/gênero, impactando em diversas negações. Portanto, apesar de ampliar a sociabilidade de públicos marginalizados como os homens gays, também é palco de preconceito e discriminação.

Trazendo a discussão as normas de gênero, compreende-se que sair do armário é um desafio existencial, diante de tantas tentativas de padronizações das masculinidades. De modo que a aproximação com o feminino é entendida como inferiorização e ferida na conduta moral. Essa compreensão parte do que foi construído pela sociedade em torno do que é “ser homem”, indicando como esses sujeitos deve expressar-se, desejar e com quem se relacionar. Nesse sentido, os homens heterossexuais são privilegiados por seguirem uma imagem vista como “natural”, em detrimento dos homens não-hétero que são lidos como dissidentes, ocasionando em desigualdade de direitos/respeito.

Apontamos também que no meio digital é possível uma maior liberdade para expressar uma identidade não-hétero, assim podendo ser um suporte para melhor autocompreensão e expressão de quem se é. Entretanto, salientamos que pode ser algo que some para conhecimento de si, mas também que pode acarretar discursos de ódio, comentários ofensivos e julgamentos.

Conclui-se que dentro desse contexto podem-se encontrar pessoas que partilham de desejos em comum, de experiências vividas dentro e fora do armário e de construção de vínculos após assumir-se homem gay. Por outra vertente, considera-se que alguns públicos são mais presos a um padrão que precisa ser seguido, expressando-se de diversas formas como expondo fotos em performances hipervirilizadas, comportamentos ditos discretos e marginalizando as/os/es tranviades.

Partindo dessa colocação, propomos que novas pesquisas se debrucem sobre tais questões: como os padrões hegemônicos interferem nas relações digitais? Qual a intenção dos aplicativos de relacionamento quando utiliza propaganda a partir de corpos padronizados? É importante também trazer questionamentos que visibilize o homem gay que não segue o padrão divulgado e que se sente inferiorizado por não ser representado ali. Assim como discutir como a saída do armário é vista pelos usuários dessas redes.

Por fim, os resultados obtidos aqui caminham na direção de propor uma discussão atualizada, a partir das publicações recentes, possibilitando reflexões em torno da mídia digitais como meio para criar relações e compartilhar experiências. Mas, sobretudo, perspectivando como via de construção de rede e empoderamento quanto à autocompreensão de identidades subalternizadas, como a dos homens gays.

REFERÊNCIAS

- BAÉRE, de Felipe; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: Uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em estudo**, Brasília-DF, v. 25, 2020.
- BENTO, Berenice. Mascaras heterossexuais, desejos homossexuais. **Caderno pagu** (51), Brasília-DF, 2017.
- BUTLER, Judith. Cuerpos que inportán - sobre los límites discursivos del sexo. Buenos Aires: **Paidós**, 1993.
- CARDOSO, João Gabriel Maracci; PAZ, Bernard Martins; ROCHA, Kátia Bones; PIZZINATO, Adolfo. Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. **Psicologia USP**. Volume 30, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Porto Alegre, RS, Brasil 2019.
- CONNEL, R.W. **Políticas da Masculinidade**. Educação e realidade, 1995.
- FERREIRA, João Paulo. INOUYE, Keika. MISKOLCI, Richard. Homens homossexuais idosos e de meia-idade nas mídias digitais: autodescrição, apoio social e qualidade de vida. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30(2), 2020.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- LEITÃO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziela. Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais *on-line*. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 171-186, jan.-abr. 2018.
- MEDEIROS, Ettore Stefani de. **Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo GRINDR'**. 06/02/2018 156 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.156, 2018.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos feministas**, Florianópolis. 2008.
- MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. 1. Ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2017.
- MISKOLCI, Richard. Machos e "Brothers": uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Estudos Feministas**, p. 301-324, 2013.
- MISKOLCI, Richard. O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói, **GENERO**. v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. Sem. 2009.
- MORELLI, Fábio; PEREIRA, Bruno. A pornificação do corpo masculino Notas sobre o imperativo das imagens na busca entre homens por parceiros on-line. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 1, p. 187-203, 2018.
- PEREIRA, Valéria Rezende. Posicionamentos interacionais de sexualidade e de gênero: O caso de um blog de alunas/os de um instituto federal. **Trab. Ling. Aplic.** Campinas, n(55.2): 503-524, mai./ago. 2016.

REIS, Pereira Ramon dos. “Eu tenho medo de ficar afeminado”: performances e convenções corporais de gênero em espaços de sociabilidade homossexual. **Rev. Nufen [online]**. V. 4, n.1, janeiro-junho, 73-87, 2012.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Publicação Universidade de Salvador. Tradução: Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. **Educação e Sexualidade**. p. 10-11. 2009.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**. Campinas, vol. 1, nº 28, p. 19-54, 2007.

SILVA, Vieira Laionel, da; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudos de Religião**, v. 30. n. 3. 129-154, set. dez. 2016.

SOUZA, Humberto da Cunha Alves de. **Identidades gays como ato performativo nas práticas comunicativas no facebook: uma perspectiva pragmática** / universidade federal do paraná programa de pós-graduação em comunicação. Setor de Artes, Comunicação e Design – Curitiba, p.122. 2015.

ZAGO, Luiz Felipe. “Caça aos homens disponíveis”: corpo, gênero e sexualidade na biossociabilidade gay online. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**. n.13 - abr. 2013.

ZAGO, Luiz Felipe. Armários de vidro e corpos-sem-cabeça na biossociabilidade gay online*. **Interface (Botucatu)**, v.17, n.45, p.419-432, 2013.